

# ENQUANTO VIVO, A MORTE ME VIGIA: REFLEXÕES ACERCA DO EXISTENCIALISMO, O FENÔMENO DA MORTE E O TRANSHUMANISMO

WHILE I LIVE, DEATH WATCHES ME: REFLECTIONS ON EXISTENTIALISM, THE PHENOMENON OF DEATH AND TRANSHUMANISM

Ana Paula Teodoro <sup>1</sup>

Elaine Cristina Mussi de Lima <sup>2</sup>

Gabriela Araújo Fornari <sup>3</sup>

TEODORO, A. P.; LIMA, E. C. M. de.; FORNARI, G. A. Enquanto vivo, a morte me vigia: reflexões acerca do existencialismo, o fenômeno da morte e o transhumanismo. *Akrópolis*, Umuarama, v. 30, n. 2, p. 353-371, jul./dez. 2022.

Recebido em: 10/11/2022

Aceito em: 13/12/2022

DOI: 10.25110/akropolis.v30i29017

**Resumo:** Segundo o existencialismo de Jean-Paul Sartre (1905-1980), o ser humano se constrói diariamente e somente estará totalizado com o fenômeno da morte, a qual é compreendida como o fim do projeto de ser e das possibilidades do indivíduo. Este estudo foi realizado com o objetivo de compreender a morte para o existencialismo sartreano e a busca contemporânea por transcender este fenômeno. Para tanto, utilizamos como metodologia a pesquisa por meio de revisão bibliográfica em literaturas referentes à temática. Por fim, compreendemos que a morte para o existencialismo é um fenômeno concreto e originário da condição humana, bem como entendemos que a morte pode ser negada pelo sujeito (má-fé), ou assumida por ele, possibilitando uma vida autêntica; a forma como o sujeito se relaciona com esse fenômeno também está intimamente ligada à cultura. Consideramos, ainda, que o ser humano contemporâneo tem buscado prolongar a existência humana, protelando esse acontecimento.

**Palavras-chave:** Morte; Projeto de ser; Finitude; Contemporaneidade; Transhumanismo.

**Abstract:** According to the existentialism of Jean-Paul Sartre (1905-1980), the human being is constructed daily and will only be totalized with the phenomenon of death, which is understood as the end of the project of being and of the possibilities of the individual. This study was carried out with the aim of understanding death for Sartrean existentialism and the contemporary quest to transcend this phenomenon. For that, we used as a methodology the research through bibliographic review in literatures related to the theme. Finally, we understand that death for existentialism is a concrete phenomenon and originating from the human condition, as well as we understand that death can be denied by the subject (bad-faith), or assumed by him, enabling an authentic life; the way the

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia pela Universidade Paranaense (UNIPAR). E-mail: [ana.teodoro@edu.unipar.br](mailto:ana.teodoro@edu.unipar.br)

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia pela Universidade Paranaense (UNIPAR). E-mail: [elaine.mussi@edu.unipar.br](mailto:elaine.mussi@edu.unipar.br)

<sup>3</sup> Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

E-mail: [gabrielaforanari@prof.unipar.br](mailto:gabrielaforanari@prof.unipar.br)

subject relates to this phenomenon is also closely linked to culture. We also consider that the contemporary human being has sought to prolong human existence, postponing this event.

**Keywords:** Death; Project to be; Finitude; Contemporaneity; Transhumanism.

## INTRODUÇÃO

*“Estar morto é ser presa dos vivos. Significa, portanto, que aquele que tenta captar o sentido de sua morte futura deve descobrir-se como futura presa dos outros” (Jean-Paul Sartre, 1943/2015, p. 666).*

A morte nos rondou de forma mais perceptível nos últimos tempos, ela se tornou muito mais real e concreta do que geralmente é, logo, a compreensão de que a morte é uma circunstância do estar vivo se fez muito presente com esse acontecimento que mobilizou a todos universalmente. Há não muito tempo havia a crença de que a fórmula da realização existencial do ser humano era por meio do seu legado, do que ele deixava para as próximas gerações, para tanto este precisava: “Plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro<sup>4</sup>”. Mas na contemporaneidade essa ideia já não é bem aceita, no momento presente buscamos um prolongamento da vida por meio da Ciência e Tecnologia transhumanista. Assim, no decorrer deste estudo vamos refletir sobre o fenômeno da morte que tanto nos inquieta, mas que faz parte da condição humana.

Desta forma, esse trabalho será desenvolvido por meio da fundamentação teórica existencialista com base em Jean-Paul Sartre, a qual favorece a existência material e a concreta em detrimento de qualquer possível essência. Teremos como objetivo compreender o fenômeno da morte para o existencialismo sartriano, e a busca contemporânea por transcendê-la. Para tanto, em um primeiro momento discorreremos sobre os conceitos que dão a base para o existencialismo, posteriormente abordaremos sobre a compreensão ontológica da morte, bem como a relação entre o sujeito e a morte e por fim como é a relação entre a cultura e o fenômeno da morte.

Desta forma, iniciaremos com a compreensão do conceito de liberdade para Sartre (1943/2015, p. 433): “Liberdade é existência e nela a existência precede a essência”, assim, para o filósofo não existe uma essência que define o homem de forma imediata, mas ele é definido conforme as suas vivências, ou seja, o ser humano se constrói diariamente e nunca estará totalizado, somente a morte finda este processo de totalização.

---

<sup>4</sup> O poeta cubano José Martí (s./d.) cunhou essa frase, a qual foi popularmente aceita, editada e muito usada, se tornando um ditado popular ao longo dos anos.

Constantemente estamos ressignificando o nosso passado, desta maneira estamos construindo a nossa história pessoal e o sentido da vida, o qual não possui um sentido pré-definido padrão, mas ele é construído conforme as escolhas que fazemos diante da concretude. Assim sendo, Sartre propõe um movimento de vivência contínuo que vai construindo o ser, cada indivíduo é único e singular, e é a partir de suas vivências que o sujeito cria e busca o sentido existencial da sua vida conforme suas escolhas, as quais são feitas de acordo com o que faz sentido para cada um de nós, desta forma, essas escolhas vão construindo a nossa existência única. É por meio desta liberdade de escolha que vamos nos construindo, ou seja, somos responsáveis por nossas escolhas independente de qual seja ela, logo, ao escolhermos não fazer nada já é uma escolha. Conforme afirma Sartre (1970, p. 11) “se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é, desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é, de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência”, de forma paradoxal isso torna o homem condenado a sua liberdade.

Partindo da premissa que o homem é um ser condenado à liberdade, ele não consegue escapar do paradoxo liberdade-angústia, ao escolher, tudo que o homem faz, faz por escolha própria. Para Sartre ao tentar escapar dessa liberdade o homem age de má-fé, isso ocorre quando este se depara com múltiplas possibilidades de escolha e as consequências dessas escolhas traz em angústia ao homem, pois é o único responsável por sua existência, assim sendo, é a própria existência que angustia o ser. Com a intenção de negar e evitar a angústia, o homem tenta mascará-la para não ter que enfrentá-la, a esse respeito Sartre (2015, p. 72) descreve que “É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão”.

Neste sentido, Sartre diz que a má-fé é um refúgio para a não escolha, quando o homem se vê frente a liberdade de escolha que tem ele se sente angustiado. Portanto, o homem está tentando esconder de si mesmo a verdade que ele conhece, essa atitude de negação faz com que o indivíduo se iluda quanto ao seu futuro e acredite que este é algo do destino e já está traçado. O homem também pode atribuir o motivo das suas escolhas a religião, política, astrologia, destino, ideologias, cultura, herança genética, normas sociais, tradições de família e ao misticismo, desta forma ele nega a sua responsabilidade e a atribui a outros fatores.

Torna-se essencial trazer a noção de intencionalidade, em que Sartre é influenciado pelo princípio da intencionalidade de Husserl, o qual afirma que toda a consciência é a consciência de algo e o objeto é um objeto para a consciência, assim a consciência é sempre a consciência do mundo, corroborando com esse pensamento Schneider (2011, p. 113) afirma que a “noção de consciência, que é sempre consciência de alguma coisa, quer dizer, sempre relação a algo, à exterioridade, ao em-si”. A consciência se apresenta em níveis, o primeiro é a consciência de primeiro grau (ou cogito pré-reflexivo ou irreflexiva) a qual é compreendida como consciência vaga é espontânea do homem, ela se esgota quando atinge o objeto, já a consciência de segundo nível (ou reflexiva) é a consciência que tem a percepção dessa consciência vaga, ou seja, é o “conhecimento da consciência de algo”.

Segundo Schneider (2011), Sartre usou o dualismo psicofísico que compõe o homem em sua visão como forma de explicar a sua teoria existencialista, ou seja, para o filósofo o ser humano é uma composição de matéria que é o corpo e de uma consciência imaterial. Logo, uma consciência não pode existir sem uma matéria (corpo) e o contrário também existe, um corpo sem consciência não é um ser humano, assim Sartre aborda dois conceitos para explanar mais sobre esse dualismo materialista, que são o ser-em-si e o ser-para-si. O ser em-si é aquele que está no mundo com uma identidade definida, é qualquer objeto que é somente aquilo que é ele mesmo, como os objetos e as coisas, os quais não possuem consciência e não se alteram ou mudam na presença de outro, sendo somente em-si; a dimensão corporal do homem é o em-si. Já o ser- para-si possui consciência de si mesmo, é a consciência humana, porém não possui uma identidade definida, ou seja, não é o resultado de uma ideia previamente estabelecida, sendo necessário que ele se defina durante a sua existência a cada instante busque a sua essência. Assim, a essência fixa e imutável do indivíduo é a que está no passado, no presente o ser humano está sempre em totalização.

Em sua teoria, Sartre enfatiza o contexto sociocultural na constituição do sujeito, avaliando as influências a que o sujeito está submetido, ou seja, está voltado para a noção de um homem como unidade sintética entre as dimensões individual e coletiva.

O indivíduo se faz na medida em que ele é feito pela situação e pelos acontecimentos. Ao mesmo tempo em que ele se define é definido por outros e nessa mescla de passividade e atividade, precisa reinventar-se sempre. Ele não está feito (ERTHAL, 2004, p. 25).

Em sua obra o “Ser e o Nada” (1943/2015), Sartre trata do tema morte como limite das possibilidades de vir a ser do sujeito, é o fenômeno limitador da vida. Desta forma, para teoria existencialista sartreana, a morte é o fim, depois da morte do ser ele não é nada e não vai para lugar nenhum, tal ideia vem na contramão da visão proposta pelo cristianismo, onde se afirma haver uma continuidade da existência, há um “pós-morte”. Diante disso, Sartre (2015, p. 670) compreende a morte como destino dos seres e explica: “É absurdo que tenhamos nascido, é absurdo morrermos; por outro lado, esta absurdidade se apresenta como alienação permanente de meu ser -possibilidade, que não é mais minha possibilidade, mas a do outro”.

O absurdo da morte se dá pela falta de sentido do mundo e da existência. O ser é lançado em um mundo como ser incompleto, ser em negação, ser em mudança, livre para realizar seu projeto. A morte é destino, entendida como fenômeno humano limitador da vida, contudo ainda parte da existência do ser. Desse modo, o sentido da vida não será encontrado por meio da morte. Sartre (2015, p. 661) afirma que “Assim, a morte jamais é aquilo que dá à vida seu sentido: pelo contrário, é aquilo que, por princípio, suprime da vida toda significação”. Nessa mesma perspectiva, Fontana (2020, p. 06) explana que “A minha liberdade é minha vida, a minha morte já não é mais vida, por isso ela é ausência de liberdade”. A morte é um acontecimento limite, constituindo a ausência das possibilidades da liberdade, sendo assim, a morte é o fim de minhas possibilidades, ela é apenas a afirmação de meu nada. Em suma, a morte é compreendida por Sartre (2015, p. 652) como “uma porta aberta ao nada de realidade humana, sendo esse nada, além disso, a cessação absoluta de ser ou a existência em uma forma não humana”.

Conforme Maheirie e Pretto (2007, p. 01), Sartre adotou o movimento progressivo-regressivo o qual “refere-se à totalização histórica da singularidade na intersecção com a totalidade histórica geral, ambos imbricados, porém irreduzíveis”. Da mesma forma, Bocca (2019) descreve que o movimento regressivo e progressivo é um eterno vai-e-vem entre o abstrato e o concreto, entre o universal e o singular. Este método tem como objetivo a totalização por via da compreensão de que o indivíduo é um ser singular tomado como totalidade, uma vez que esse sujeito é compreendido por inteiro em todas as suas manifestações. A partir desta compreensão, podemos pensar na esfera antropológica da morte, a qual é entendida a partir de uma visão coletiva, universal e singular, pois a morte é uma possibilidade humana por excelência, logo, esta significa a finitude do ser humano, a totalização deste sujeito como ser individual e singular, mas que é construído também a partir do social.

Desta forma é pelo absurdo da existência humana e pela facticidade temporal que não se pode saber quando o momento da finitude chegará e colocará fim ao projeto de ser do indivíduo, mas é possível e válido a reflexão da existência e que esta possui uma finitude, pois na medida em que tomamos consciência da finitude nós podemos refletir sobre as nossas decisões, entendendo que essa vida é momentânea. Para exemplificar isso, Sartre (1967, p. 125) questiona-se “Você nunca pensou ao escovar os dentes: desta vez tá aí, é o meu último dia? Você nunca sentiu que era preciso andar depressa, depressa, muito depressa, que o tempo era curto? Você se julga imortal?”.

## COMPREENSÃO ONTOLÓGICA DA MORTE

O paradigma “vida e morte” nos faz pensar sobre nossa própria existência, podendo gerar angústias, medos, negações, mas também se apresenta como um caminho possível para pensar um sentido para tal existência. A morte é uma circunstância do estar vivo, pois todos nascemos e um dia vamos morrer, contudo, a consciência desse processo pode ser complexa e vivida de diferentes maneiras pelo indivíduo, pois ao pensarmos sobre a morte, somos levados a refletir sobre a finitude de tudo e a efemeridade da vida.

Segundo Fontana (2020), Sartre desenvolveu em algumas de suas obras um tema que produz muitas inquietações e angústias, a inevitável finitude da vida. Sartre (2015, p. 541) afirma que “a existência precede e comanda a essência”, isso significa que o homem a princípio existe, descobre-se e desponta no mundo e somente depois define-se. Desta forma, não existe uma essência que define o homem de forma imediata, mas ele é definido conforme as suas vivências, ou seja, o existencialismo não aceita a concepção de um ser abstrato e eterno, mas trabalha com a existência concreta e finita do indivíduo. Logo, a morte é entendida como o fim da existência do sujeito, sua finitude.

Concordando com a visão de Sartre, as autoras Siman e Rauch (2017, p. 109) apresentam a perspectiva de Heidegger, que também pensa a essência como sendo própria do homem em oposição aos outros animais e coisas, que apenas são, existem. As autoras seguem apresentando a ideia de que não há uma finalidade prévia para a existência do ser humano, onde este somente existe. Assim, a excelência do ser é definida por sua liberdade, podendo ele fazer com sua vida o que decidir dentro das possibilidades concretas.

Seguindo com essa perspectiva, Fontana (2020) menciona que Sartre, em “O ser e o nada” (1943/2015), encara a morte como sendo o limite da vida, visto que ele nega a existência de uma alma imortal, a qual sobreviva à morte do corpo físico. Fontana (2020)

aponta que Sartre em sua obra intitulada "A Náusea" (1989), apresenta a ideia do absurdo da existência humana, definindo-a como gratuita e sem sentido. O filósofo compreende o ser humano como negatividade, isto é, um ser incompleto de totalidade inacabada, destinado à morte, vivendo em um mundo como um ser em projeto, como ser em mudança.

Ressaltamos que não somos seres completos, estamos sempre em processo de totalização, construimo-nos diariamente e nunca estaremos totalizados. Somente a morte finda este processo de totalização, pois ela acaba com as possibilidades de vir a ser do indivíduo. Tuy (2009, p. 3) corrobora com essa ideia ao descrever que o homem se totaliza ao morrer:

a morte seria uma passagem para um absoluto não-humano, o morrer seria viver as possibilidades do não, saber que essa auto transcendência é a vida, vida em morte, seria o marco determinante para o fim da existência. Essa existência finita atribui ao homem o caráter de totalidade, de uma forma individualizada, só eu posso me completar, já que ninguém pode morrer por mim, só eu posso interromper meus projetos de vida, com a minha morte.

Do mesmo modo, Sartre (2015, p. 661) compreende a morte como fim de toda significação da vida, "Assim, a morte jamais é aquilo que dá à vida seu sentido: pelo contrário, é aquilo que, por princípio, suprime da vida toda significação", ele explica a morte como limite da vida e ausência de possibilidades dada pela liberdade do ser, assim, a morte é a cessação absoluta do ser, é a finitude. Bem como, Fontana (2020, p. 106) afirma que "A morte faz parte da nadificação do ser do para-si em existência, ou seja, em situação, mas também faz parte do caráter inumano, isto é, do pós--existência do para-si, que com a morte passa ser o nada absoluto", ou seja, compreendemos que aqui a autora evoca um dos princípios do existencialismo, em que o ser humano é o único responsável por fazer a si mesmo, assim, a morte pode ser compreendida enquanto último ato de existência e limite do ser.

Concordando com essa ideia, Forghieri (2002, p. 42) descreve que:

A morte faz parte de nossa vida, apenas no modo como nos relacionamos com as ideias de ser ela o nosso derradeiro fim, e é apenas incluindo-a em nossas reflexões que teremos condições de encontrar o verdadeiro sentido de nossa existência.

Em busca de refletir sobre a finitude da existência humana, e aceitá-la como característica essencial do ser-para-si é necessário superar o medo desse acontecimento

que muitas vezes pode ser inesperado e imprevisto. Mas essa reflexão ajuda o ser humano a perceber que a morte é uma circunstância da vida, pois todos nós nascemos e um dia vamos morrer. Para o existencialismo, a morte não vem de uma ideia abstrata, mas sim da existência concreta e finita do ser, logo, a morte é entendida como o fim da existência e do projeto de ser, o sujeito enfim é totalizado.

## **RELAÇÃO ENTRE O SUJEITO E A MORTE**

Termos a consciência da temporalidade e da finitude da existência humana serve como uma mola que impulsiona e direciona o homem para a angústia, manifestando-se concomitantemente a outros sentimentos, como medo, arrependimento, culpa, nostalgia, satisfação por aquilo que se fez ou deixou de fazer. Corroborando com essa ideia, Innocencio e Chiapetti (2020, p. 02) afirmam que “Pensar a partir do tempo e dos limites do ser humano é caminhar em direção à angústia, sendo que na perspectiva fenomenológica-existencial é ela que mobiliza o ser humano”. Assim, a forma como o sujeito se relaciona com essa constatação está relacionado com as escolhas e as relações que o indivíduo faz com o tempo e o espaço da sua vivência, as quais os tornam únicos em suas singularidades.

Constatar e aceitar a condição da finitude humana pode fazer emergir emoções negativas, advindas do pensar sobre nossa efemeridade e a inevitabilidade da perda daqueles(as) que amamos. Lara e Ferreira (2019) apontam que as relações que mantemos e nossos planos e expectativas de vir-a-ser, trazem-nos a sensação fictícia de completude; em contrapartida, quando levantamos reflexões referente a perder algo, alguém ou a nossa própria existência, emerge a sensação de incompletude, de desespero e de falta de sentido.

Essa perda pode nos trazer um misto de sentimentos que está em conformidade com a proximidade e com as expectativas que temos para com esse indivíduo, um sofrimento tão intenso que podemos até acreditar que perdemos uma parte nossa, mas esse evento pode trazer também sentimentos de alívio, impotência, frustração, empatia e compreensão da finitude da vida (POMPÉIA; SAPIENZA, 2004).

De forma semelhante, Siman (2017) descreve que no tocante à experiência da morte, os vivos não possuem informações concretas, pois essa experiência pertence somente aqueles que passam pelo processo de morrer. Em outras palavras, vivemos a morte pela morte do outro, não vivemos a nossa própria morte. Nesse sentido, reflete Yalom (2021, p. 120) que “cada vez mais tenho que compreender que, quando eu morrer, não terei qualquer consciência ou uma palavra a dizer sobre o assunto”. Ou seja, é na

presença do outro que a morte faz sentido, conforme afirma Fontana (2020, p. 108) “Nada posso dizer sobre minha morte, quem diz é sempre o outro, e ele pode dizer o que quiser”, assim, reconhecemos que a morte sempre será descrita pelo outro; após o fim da existência daquele que morre, tudo que for dito sobre sua morte e a vida será atravessado pelo olhar do outro em seu discurso.

Essa dinâmica implica em não podermos saber o que há, e se há algo após a morte, logo, tudo o que podemos pensar nesse viés se dá no campo da fantasia pela via do imaginário (consciência imaginária). Nesse sentido, observamos culturalmente falas fantasiosas indicando que o indivíduo faleceu e “está no paraíso”, “alguém está cuidando dele”, “ele está descansando” ou até mesmo “está melhor agora do que estava na Terra”, na intenção de amenizar o sentimento de vazio e a incerteza sobre sua situação (partindo de uma crença da vida pós-morte).

Para Heidegger “O fundamento básico da existência humana é a temporalidade; esta constitui o sentido originário do existir” (1971a<sup>5</sup>, p. 256 e 257 *apud* FORGHIERI, 2002, p. 42). Quando perdemos alguém que amamos, nos deparamos com a impossibilidade de não podermos mais conviver com esta pessoa, com a sua subjetividade, seu modo de ser, seus desejos, seus sonhos e seus planos, pois tudo isso finda com ela. Passamos a dispor esse alguém apenas no passado, não mais no presente nem tampouco no futuro, afetando nosso cotidiano e nossos planos.

Além disso, Lara e Ferreira (2019) descrevem que a realidade do ser humano transcende para um futuro, sendo a morte um encerramento do projeto de vir-a-ser, interrompendo esse processo e cessando a ação do indivíduo no mundo, encerrando toda a possibilidade da transcendência. Segundo Sartre (1967), o sujeito se torna objeto mediante a morte, uma vez que este não tem mais relação com os demais e com o mundo, e ao não possuir mais a possibilidade de futuro, torna-se um ser em-si.

O autor Morin (1988) descreve que a dor, o terror e a constante presença da morte na existência dos vivos, está diretamente ligada à perda da individualidade de quem morreu. Assim, a existência da dor e sua intensidade vai depender do quanto o falecido era amado, respeitado, próximo e “único” em relação àquele que permanece vivo. Portanto, é necessário que sua individualidade tenha sido presente e reconhecida, pois a morte de um ser anônimo gera pouca ou nenhuma perturbação. Sendo assim, a morte é a perda irreparável da individualidade, e a esse respeito Arantes (2019) discorre sobre o

---

<sup>5</sup> Heidegger, M. Que é isto – a filosofia? São Paulo, Duas Cidades, 1971.

sofrimento ser algo absoluto, único e individual, bem como a experiência da dor é permeada por mecanismos particulares de expressão, percepção e comportamento, por isso, cada dor é única, pois cada ser é único.

Ademais, há aqueles que se mostram deprimidos e morbidamente trancados em si mesmos, passam por muita agonia e sofrimentos, se recusam a encarar e aceitar a verdade inexorável de que a vida, morte e morrer são parte intrínseca da existência humana. Por fim, alerta Kübler-Ross (2017, p. 270):

Parece que as pessoas que passaram uma vida de privações, sofrimentos e trabalho árduo, que criaram seus filhos e foram recompensadas em seu labor, mostraram mais tranquilidade em aceitar a morte com paz e dignidade, quando comparadas com as que passaram a vida controlando ambiciosamente o mundo que as cercava, acumulando bens materiais e um número enorme de relacionamentos sociais, mas poucos relacionamentos interpessoais significativos que lhes fossem úteis no fim da vida.

Isso demonstra que as pessoas que são mais autênticas consigo mesmas, que vão colocando seus planos em práticas durante a sua existência, que vivem mais do que somente em aparências, tendem a ter mais tranquilidade em comparação com as pessoas que vão assumindo projetos de outras e não os de si mesma. É unicamente por meio dessa via, desse olhar para si próprio que o homem pode alcançar autenticidade e plenitude em sua vida, pois esse é o ponto de partida que dá base para o ser humano construir a sua própria existência (FORGHIERI, 2002).

## **A BUSCA DA TRANSCENDÊNCIA DO MORRER NA CULTURA CONTEMPORÂNEA**

Nos capítulos anteriores abordamos a relação entre a morte e o sujeito como ser individual, porém o ser humano vivencia o fenômeno da morte não somente pelo viés individual, pois a cultura tem um grande impacto nessa vivência. Neste capítulo buscaremos compreender a forma como a morte se faz para o sujeito na relação com a cultura em que este se insere. Para isso vamos nos valer de estudiosos (as) e pesquisadores (as) da antropologia e da psicologia que explanam sobre como o sujeito contemporâneo compreende a morte como fenômeno individual e cultural.

A morte sempre foi um tema de grande fascínio para incontáveis pensadores (as) ao longo da história da humanidade, para muitos é impossível conhecer o homem sem refletir sobre a morte, pois é por meio dela que conhecemos o limite da existência da vida humana. Podendo a morte desvelar-se inesperada e imprevista, torna-se o acontecimento

mais trágico da existência do ser. Diante dessa realidade alguns buscam ignorá-la, evitando pensar sobre ela, porém a morte como fato da vida bate à porta da existência e em sua presença me reconheço finitude. Assim, para muitos pensar sobre a morte pode ser um grande desafio e para outros um privilégio.

A esse respeito, Morin (1988) descreve em sua obra “O Homem e a Morte”, que a humanidade é a única espécie que, ao longo de sua existência, possui consciência da morte, em contrapartida essa consciência provoca uma profusão de sentimentos aos seres humanos. Corroborando com essa afirmação, Kubler-Ross (2017) descreve que o medo de morrer está ligado aos sentimentos de desesperança, desamparo e isolamento. O ser morrente muitas vezes passa a ser tratado como objeto, deixa de ser uma pessoa e torna-se um ser sem direito a opinar, desse modo, em geral é outra pessoa que toma as decisões sobre aquele que está morrendo, sem considerar seu arbítrio. Com a proximidade do fenômeno morte por parte dos morrentes terminais, somos forçados a reconhecer a fragilidade da vida, ainda que tenhamos passado a vida toda negando essa ideia.

Em concordância com isso, Morin (1988) considera que a consciência da morte, o horror à ela e a crença na imortalidade, formam o “triplo dado antropológico”, ou seja, a primeira reação acontece negando a morte como aniquilamento, em seguida reconhecendo a morte enquanto acontecimento, entre a descoberta da morte e a crença na imortalidade, há uma zona de mal-estar e de horror do sujeito ainda em vida. Validando este conceito, Yalom (2021) descreve que não há uma morte que sirva para todos, que morrer é sempre uma questão individual, mas como entendemos a morte tem base de uma forma coletiva e é justamente por esse movimento de termos uma compreensão coletiva sobre o morrer que vamos nos relacionar com essa visão antropológica da morte.

Refletir sobre a morte é um exercício humano, conforme descreve Morin (1988, p. 32): “A ideia da morte propriamente dita é uma ideia sem conteúdo, ou, se quisermos, cujo conteúdo é vazio até o infinito”. Também é exclusivo da humanidade a realização dos ritos fúnebres, sobre os quais as crenças e os sentimentos são expressos sobre a morte. Tais ritos se configuram como um conjunto de práticas que intercedem a mudança de estado do ser, do estar vivo, em processo de totalização para a finitude deste sujeito quando esse processo se totaliza, além de permitir aos vivos expressarem suas emoções, perturbações, crenças e ideologias, suscitadas pela consciência da morte.

Segundo Eugène Pittard<sup>6</sup> (1944, *apud* MORIN, 1988, p. 23):

---

<sup>6</sup> Pittard, E. LECOMTE DE NOUY, L'Homme et sa destinée. 1948.

Não somente o homem de neandertal enterra os seus mortos, como também os reúne por vezes (gruta das crianças, perto de Menton). Já não se trata de extinto, mas sim do dealbar do pensamento humano, mas que se traduz por uma espécie de revolta contra a morte.

Além do mais, Kubler-Ross (2017) discorre que a negação e o temor da morte aumentam conforme a humanidade avança na ciência e na tecnologia, visto que, atualmente, morrer é solitário, mecânico e desumano, o que torna o fenômeno cada dia mais impessoal e triste. A esse respeito, o historiador Harari (2018) descreve que os humanos possuem duas habilidades, a física e a cognitiva. Em relação às habilidades físicas, a maioria delas já foram superadas pelas máquinas, devido ao desenvolvimento tecnológico, mas no tocante à habilidade cognitiva, as máquinas ainda não foram capazes de superar ou se igualar aos seres humanos, essas habilidades consistem em: aprender, analisar, comunicar e compreender as emoções.

Alerta Harari (2018) que a Inteligência Artificial (IA) está dando os primeiros passos em busca de compreender as emoções humanas. De acordo com ele, ao aumentarmos nossa compreensão sobre os mecanismos bioquímicos ligados às emoções, desejos e escolhas humanas, melhores podem se tornar os algoritmos de aprendizado de um computador, ao analisar o comportamento humano e prever suas decisões. Sendo assim, cada dia mais o algoritmo é capaz de examinar dados biométricos, podendo determinar o tipo de personalidade e as variações de humor do humano analisado, de tal forma, a IA começa a superar os humanos também em suas habilidades cognitivas.

Em outra de suas obras, Harari (2016) declara que no século XXI a principal empreitada da ciência moderna é derrotar a morte e garantir aos humanos a juventude eterna, alcançando a imortalidade. Tal movimento ocorre em virtude da valorização da vida humana pela cultura contemporânea, pois a morte é vista como um crime contra a humanidade, que necessita ser combatido. Os seres humanos morrem devido a falhas em seu organismo, onde a morte não passa de um problema técnico que pode e deve ser superado, mas como ainda não há respostas para todos os problemas técnicos, a cada dia se investe mais tempo e dinheiro em pesquisas e tecnologias nos campos de engenharia genética, medicina regenerativa, nanotecnologia. O escritor declara que, devido aos avanços tecnológicos, para alguns especialistas o homem vai superar a morte próximo do ano 2200, para outros será em 2100, e para alguns mais otimistas em 2050.

Harari (2016, p. 37) afirma que “Enquanto a morte for motivada por alguma coisa, estaremos empenhados em superar suas causas”, e buscando trazer uma solução para o problema técnico da morte, o autor cita três caminhos que podem ser seguidos: a

engenharia biológica, cibernética e a engenharia de seres não orgânicos. Com a bioengenharia os engenheiros poderão escrever um novo código genético com diversas melhorias produzindo superhumanos. Já a engenharia cibernética será responsável por fundir o corpo orgânico a tecnologia propriamente dita, como membros biônicos e nanorrobôs, transformando o *Homo sapiens* em um ciborgue com capacidades muito além das humanas. A abordagem mais ousada é a da engenharia dos seres não orgânicos, ela dispensa totalmente as partes orgânicas, gerando as IA.

A morte nos alerta que nossa existência nesse mundo é limitada, o fim derradeiro chegará para todos, sendo ela universal e democrática, nesses momentos a angústia é inevitável para muitos, podendo se tornar um pesadelo, um acontecimento medonho e pavoroso. Tal reação aparece ao reconhecermos que esse fenômeno rompe a continuidade das relações humanas, elimina o contato com o outro, altera nosso mundo, subtrai uma parte abissal em nós. Nesse sentido, Yamanari (2021) constrói uma reflexão sobre o transhumanismo na contemporaneidade, sendo este um desafio humano sobre suas limitações naturais, inclusive sobre a morte e o morrer. Compreendendo como necessidade o prolongamento da vida, os transhumanistas desenvolvem tecnologias e ciência para satisfazê-la. Lado a lado a evolução da raça humana e o desenvolvimento de suas habilidades, ocorre o aprimoramento na confecção desses instrumentos, onde o homem passa a explorar e conhecer melhor a natureza para dela retirar os materiais que lhe permitam criar novos e melhores instrumentos.

Em consonância com essa perspectiva, Verdoux (2009) apresenta o conceito de transhumanismo, explica que é um conceito filosófico, com componentes descritivos e normativos. No tocante ao descritivo elucida que a tecnologia altera o mundo e as pessoas, melhorando e desenvolvendo novas capacidades; já o conceito normativo, representa a promoção e criação dessas tecnologias e é por meio delas que será possível um futuro “pós-humano”, que por sua vez, expressa a superação das doenças e do envelhecimento humano, ou seja, da própria finitude humana. Esse mundo pós-humano estará povoado por sistemas de inteligência artificial, com a finalidade de se alcançar a liberdade morfológica, que representa a ampliação das capacidades humanas, físicas, cognitivas e emocionais, “Ou seja, o pós-humanismo é um objetivo a ser alcançado pelos transhumanistas” (MORE<sup>7</sup>, 2013 *apud* YAMANARI, 2021, p. 25).

---

<sup>7</sup>More, M. (2013). The philosophy of transhumanism. In M. More, & N. Vita-More (Eds.), *The transhumanist reader: Classical and contemporary essays on the science, technology, and philosophy of the human future* (pp. 3-17). Oxford: Wiley-Blackwell Publishing.

Segue Yamanari (2021) explicando que o transhumanismo pode ser compreendido como a busca por superar a própria condição humana, por meio da tecnologia essa realidade já se faz presente nos dias de hoje é um dos efeitos dela é a longevidade humana que aumenta ano após ano. Na atualidade é possível perceber que as inovações tecnológicas crescem em velocidade exponencial, investe-se alto nas ciências e na biotecnologia, com o propósito de compreender e superar as limitações genéticas e biológicas do ser, para assim, conquistar a tão sonhada imortalidade. Mas o projeto transhumanista não pára aí, ele também ambiciona controlar as emoções e a abolir o sofrimento humano, assim sendo, somente o futuro nos dirá se o projeto transhumanista conseguirá alcançar seus propósitos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A morte da perspectiva do existencialismo sartriano é concebida como o fenômeno último da vida humana, marcado pela facticidade da existência e pelo caráter de finitude do ser. Para Sartre (s./d.) não existe uma essência que define o homem, o ser humano se constrói diariamente e nunca estará totalizado, é um ser incompleto, destinado à morte, sendo ela a responsável por findar este processo, logo, a morte é entendida como o fim da existência e do projeto de ser, o sujeito enfim é totalizado.

Destarte, Sartre em sua obra “O Ser e o Nada” (1943/2015) nos compara a condenados, que ignoram o dia da execução, uma vez que a morte acaba com as possibilidades de vir a ser do indivíduo, assim, morrer é ser condenado a não mais existir, a não ser pelo outro, pois sem o outro a morte não se revelaria a nós. Em suma, à medida que constatamos que um dia a morte chegará e com ela o fim, percebemos o absurdo da vida, uma vez que vivemos a caminho da morte, sem sermos capazes de cumprir todas as possibilidades que nos chegam.

Entendemos que a experiência da morte pertence somente àqueles que passam pelo processo de morrer, desse modo, não vivemos a nossa própria morte. Por outro lado, alude aí outro absurdo descrito por Sartre (s./d.): o outro é o responsável pela constatação da minha morte e conseqüentemente pelo meu desaparecimento no mundo, uma vez que a morte só tem sentido na presença do outro. Pois depois da morte concreta eu permaneço “vivo” na memória do outro e desapareço completamente com o seu esquecimento e até mesmo na passagem das gerações.

Ao longo de nossa vida passamos por inúmeros contextos e situações que possuem um desenvolvimento e acabam, e nossa vida é um ciclo que também corresponde a essa

ordem. Somos expostos à rupturas em diversos momentos, como por exemplo, quando alguém que conhecemos morre, quando se mudam para outra cidade ou quando nós mesmos mudamos, quando terminamos uma relação afetiva, acabamos um curso, trocamos de emprego, ou seja, constantemente vivemos em um processo de mudança e transformação como consequência disso as perdas também estão presentes no decorrer da vida.

Diante da realidade da morte, o homem contemporâneo tem investido em pesquisas e tecnologias nas áreas de engenharia genética, medicina regenerativa e nanotecnologia, buscando, se não derrotar a morte e garantir a juventude eterna, pelo menos prolongar a vida o máximo que a ciência consiga dar conta. Tal movimento se dá em virtude da valorização do tempo de vida humana pela cultura contemporânea, em que a morte é vista como um problema técnico, que pode e deve ser superado.

Em consonância com esse movimento surge o transhumanismo, que igualmente busca superar a condição humana por meio da tecnologia. Assim, a promoção e criação dessas ferramentas tecnológicas permitiria um futuro “pós-humano”, que representa a superação das doenças e o prolongamento do tempo de existência humana, afastando a ideia da própria finitude humana. A vida é um conjunto de complexos processos, ela se constitui no tempo que passamos entre o nascer e o morrer, acontece no aqui e agora, a vida que tenho é a que eu vivo, e em 100% dos casos acabará em morte, considerando que ainda não há uma alternativa para escapar da morte apesar dos esforços empregados pela humanidade.

Como refletimos no decorrer deste estudo, a morte é responsável por tirar da vida toda a significação, ela é apenas a afirmação de meu nada, uma vez que a vida determina seu próprio sentido. Assim sendo, a morte é a finitude de todas as minhas possibilidades, é a ausência de liberdade. Sendo o homem condenado à liberdade, tudo que faz, faz por escolha própria, e ao tentar escapar dessa liberdade (angústia) o homem age de má-fé, recaindo em uma existência inautêntica por falta de reflexão de sua existência.

Nesse sentido, damos o significado para a morte conforme enxergamos o morrer em nossa cultura, ou seja, a manifestação dos sentimentos relativos à morte estão relacionados com o olhar da cultura para esse fenômeno. Porém, vale ressaltar que ainda que não seja comum comentarmos sobre a morte e a finitude humana na cultura brasileira, ela ainda é algo real e está presente em nossas vidas; a tentativa de fugir do assunto é uma forma de tentar mascarar esse fenômeno, que é natural da condição humana.

Compreendemos que, em contrapartida, refletir sobre a finitude nos possibilita encontrar uma forma mais autêntica de viver a vida, que vá em consonância com o nosso projeto de ser. Ou seja, no sentido da pessoa ver a realidade por ela mesma (“voltar às coisas mesmas”, diria Husserl (1965)), de forma concreta sem fugir pela má-fé, pois o nosso tempo é finito e pensar sobre a finitude e a forma como queremos viver que vá em direção ao nosso projeto de ser é a via que possibilita o ser humano alcançar a autenticidade em sua vida.

Por fim, realizar uma pesquisa que aborda a temática da finitude da existência humana, refletir e falar sobre o fenômeno da morte nos evocou um misto de sentimentos. Ao longo deste estudo compreendemos que pensar na morte nos possibilita ampliar nossa consciência e olhar com mais verdade e sensibilidade para esse fenômeno que é uma circunstância do estar vivo. Esse tipo de reflexão permite pensarmos em um sentido para nossas vidas, como também, no valor de nosso tempo, ou seja, ao reconhecermos que nosso tempo é finito, podemos rever nossas escolhas, trajetões e rotas, em busca de diminuir nossa alienação com o modo de vida atual que afasta a morte do nosso dia a dia.

Assim, o que eu faço ao longo dessa jornada e as decisões que tomo, serão responsáveis por dar sentido a minha existência, uma vez que, frente com a morte só vale o que somos, só o que construímos dentro de nós e a relação que temos com os demais, aqui o ter é secundário. Logo, a vida é como um recurso que pode ser bem ou mal empregado, a ilusão de que a morte não está presente em nosso cotidiano ou que ela é um fato distante e longínquo, pode afetar nossa consciência e aumentar nosso sofrimento frente a este fenômeno inexorável.

Considera-se por fim, que esta pesquisa é somente um pequeno recorte na complexidade do fenômeno da morte, recomendamos que mais pesquisas sejam realizadas de forma a produzir mais conhecimentos que auxiliem na compreensão deste tema. Pois, reconhecer que a morte faz parte de nossa história, seja por meio da morte do outro ou da minha própria finitude, nos possibilita e nos prepara para viver esses momentos de maneira mais consciente e autêntica com o nosso projeto de ser.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

BOCCA, M. C. **A Transcendência vivida em sua temporalidade: Sartre e a experiência psicopatológica**. 2019. 370 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1Mj8pTHJf0Z-PVfflBhGskRkuv7GbpF4U>. Acesso em: junho de 2022.

ERTHAL, T. C. **Trilogia da Existência: Teoria e Prática da Psicoterapia Vivencial**. 1ª Edição. Curitiba: Appris, 2013.

ERTHAL, T. C. **Treinamento em psicoterapia vivencial**. 1ª Edição. São Paulo: Livro Pleno, 2004.

FÄRBER, S. S. **Da Pedra à Nuvem: um itinerário tanatológico**. Santa Maria-RS, 2015.

FÄRBER, S. S. **Paroikos e a Provisoriedade da vida: as mortes simbólicas**. Santa Maria-RS, 2016.

FONTANA, V. F. **Sartre: o existencialismo em torno da morte**. Aufklärung: revista de filosofia, [S. l.], v. 7, n. 3, p. p. 99–110, 2020. DOI: 10.18012/arf.v7i3.55296. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/arf/article/view/55296>. Acesso em: maio de 2022.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**. 3ª reimpressão da 1ª ed. de 1993. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

FREITAS, J. L. **Luto e Fenomenologia: uma Proposta Compreensiva**. Revista da Abordagem Gestáltica: Fenomenological Studies, XIX (1),97-105. ISSN: 1809-6867. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357735557010>. Acesso em: maio de 2022.

HARARI, Y.N. **Homo Deus – Uma breve história do amanhã**. Companhia das Letras 2016.

HARARI, Y. N. **21 Lições para o século 21**. 1ª Ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2018.

INNOCENCIO, G. S.; CHIAPETTI, T., **A temporalidade à luz da psicologia existencial de Heidegger no filme O Preço do Amanhã**. 2020, Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/340076790>. Acesso em: agosto de 2022.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LARA, W. A.; FERREIRA, I. **A morte como fim do projeto de ser: um estudo dos últimos anos de Sartre**. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, v. 53, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2178-4582.2019.e58214>. Acesso em: maio de 2022.

MAHEIRIE, K.; PRETTO, Z. **O movimento progressivo-regressivo na dialética universal e singular**. Revista do Departamento de Psicologia. UFF [online]. 2007, v. 19, n. 2, pp. 455-462. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-80232007000200014>. Acesso em: junho de 22.

MORIN, E. **O Homem e a Morte**. Publicações Europa América, s/d, 1988. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/820>. Acesso em: julho de 2022.

POMPÉIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. **Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas**. São Paulo: EDUC; ABD, 2004.

SARTRE, J-P. **As Palavras**. 3. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de Rita Correia Guedes. Fonte: L'Existentialisme est un Humanisme, Les Éditions Nagel, Paris, 1970. Disponível em:

[https://drive.google.com/file/d/1y\\_98gkPb7pWEeT8XEMIMrmhZiflKhWuj/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1y_98gkPb7pWEeT8XEMIMrmhZiflKhWuj/view?usp=sharing). Acesso em: Abril de 2022.

SARTRE, J-P. **O Ser e o Nada – ensaio de ontologia fenomenológica**; tradução de Paulo Perdigão. 13. Ed. - Petrópolis: RJ, Vozes, 2015. (Trabalho original publicado em 1943).

SCHNEIDER, D. R. **Sartre e a psicologia clínica**. 1a edição. Santa Catarina: UFSC, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/187669/Sartre%20e%20a%20psicologia%20cl%C3%ADnica%20e-book.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: Junho de 2022.

SILVA, A. M. V. B. **A Concepção de Liberdade em Sartre. Vol. 6, nº 1, 2013**. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf> Acesso em: julho de 2022.

SIMAN, A.; RAUCH, C. S. **A Finitude Humana: Morte e existência sob um olhar fenomenológico-existencial**. Faculdade Sant'Ana em Revista, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 106-122, 2017. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/111>. Acesso em: maio de 2022.

TUY, A. E. **Existencialismo e a morte**. Disponível em: <http://www.artigos.etc.br/Existencialismo-e-a-morte.html>. Acesso em: Setembro de 2022.

VERDOUX, P. **Transhumanism, progress and the future**. *Journal of Evolution and Technology*, 20(2), 49–69. 2009. Disponível em: <https://jetpress.org/v20/verdoux.htm>. Acesso em: junho de 2022.

YALOM, Irvin D.; YALOM, Marilyn. **Uma Questão de Vida e Morte. Amor, perda e o que realmente importa no final**. São Paulo: Planeta do Brasil Ltda, 2021.

YAMANARI, A. H. I. **Transhumanismo : uma análise pela perspectiva existencialista de Jean-Paul Sartre**. Maringá, PR, 2021. 112 f. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/0/tab=rm&ogbl#search/transhumanismo/FMfcgzGpGKhSDdwdVNjjCpstjmwrCjfj?projector=1&messagePartId=0.1> Acesso em: junho de 2022.

### **MIENTRAS VIVO LA MUERTE ME OBSERVA: REFLEXIONES SOBRE EL EXISTENCIALISMO, EL FENÓMENO DE LA MUERTE Y EL TRANSHUMANISMO**

**Resumen:** Según el existencialismo de Jean-Paul Sartre (1905-1980), el ser humano se construye a diario y sólo se totalizará con el fenómeno de la muerte, entendida como fin del proyecto de ser y de las posibilidades del individuo. Este estudio se realizó con el objetivo de comprender la muerte para el existencialismo sartreano y la búsqueda contemporánea por trascender este fenómeno. Para eso, utilizamos como metodología la investigación a través de revisión bibliográfica en literaturas relacionadas con el tema. Finalmente, entendemos que la muerte para el existencialismo es un fenómeno concreto y originario de la condición humana, así como entendemos que la muerte puede ser negada por el sujeto (mala fe), o asumida por él, posibilitando una vida auténtica; la forma en que el sujeto se relaciona con este fenómeno también está íntimamente ligada a la

cultura. Consideramos también que el ser humano contemporáneo ha buscado prolongar la existencia humana, postergando este acontecimiento.

**Palabras clave:** Muerte; Proyecto de ser; Finitud; Tiempo contemporáneo; Transhumanismo.